

O DE VIR COMO EXPRESSÃO DO EU COLETIVO NA POÉTICA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

*Vicente Geraldo Amâncio Diniz de Oliveira**

RESUMO

José Craveirinha, desde suas primeiras produções literárias, mostra-se como um poeta que valoriza sobremaneira o aspecto coletivo em sua cultura. Essa valorização do comunitário está em contínuo devir, em expansão perene. Em sua poética, o indivíduo somente se afirma, se reconhece e é reconhecido enquanto partícipe de um todo que envolve a comunidade humana, a natureza e a dimensão transcendente. É nesse sentido que o ser do poeta, aberto ao próprio vir-a-ser, abre-se também ao outro, à alteridade, tornando-se, nessa abertura, ser não apenas para si, mas ser-para-o-outro. Isso, de alguma forma, evidencia um sentimento de pertença e de identidade coletivas.

Palavras-chave: José Craveirinha; Alteridade; Sentimento de pertença; Identidades coletivas.

Dentre os poetas moçambicanos vivos,¹ José Craveirinha é um dos maiores expoentes, não apenas pela qualidade literária de sua obra, mas também pelo significado desta na formação da literatura de Moçambique. A trajetória de José Craveirinha enquanto poeta de vanguarda tem início na década de 40, quando surge uma nova geração de poetas que busca dar novas feições à poesia moçambicana.

Ao romper com uma estética literária provinda da metrópole portuguesa e valorizar elementos que subjazem à cultura africana, a obra de José Craveirinha coloca-se numa perspectiva de contínuo devir. O rompimento com uma cultura imposta concretiza na literatura um espaço de denúncia à segregação do povo moçam-

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Quando este texto foi escrito, encontrava-se vivo ainda o poeta José Craveirinha.

bicano, cujo início é marcado, mas não o fim. Assim é que, enquanto arma de luta e valorização da cultura autóctone, a poética de Craveirinha parece seguir em *continuum* uma mesma temática. Esse devir pode ser constatado quando o poeta fala de si mesmo e de seus “vários nascimentos”:

Nasci a primeira vez em 28 de maio de 1922. Isto num domingo. Chamaram-me Sontinho, diminutivo de Sonto. Pela parte de minha mãe, claro. Por parte do meu pai fiquei José. (...)

Nasci na segunda vez quando me fizeram descobrir que era mulato...

A seguir fui nascendo à medida das circunstâncias impostas pelos outros.

E a partir de cada nascimento eu tinha a felicidade de ver um problema a menos e um dilema a mais. Por isso, muito cedo, a terra natal em termos de Pátria e de opção. Quando minha mãe foi de vez, outra mãe: Moçambique. (*apud* Mendonça e Saúte, 1993, p. VIII/IX)

Nesse depoimento pode-se constatar a dinamicidade com que Craveirinha enxerga a vida e como esta lhe exige plena atenção ante as circunstâncias. Apesar de seus “dilemas” pessoais, é levado a desinstalar-se, a não acomodar-se, a projetar-se adiante de si próprio, a sentir-se como parte de algo maior: a mãe-pátria.

Os vários nascimentos mencionados pelo poeta mostram, de um ponto de vista ontológico, que o ser está sempre para além de si mesmo, em processo de vir-a-ser. Assim é que Craveirinha confirma em sua poética aquilo que afirma em seu depoimento. Há poemas em que o eu lírico mostra essa dinamicidade, novas possibilidades lançadas pela existência. O poema “Dádiva do Céu” simboliza no signo “sedas” as esperanças que brotam mesmo em tempo de guerra:

(...)

Morrerei na minha guerra
ou levarei nos braços guerrilheiros
para as crianças da minha terra
as sedas lançadas
do bojo do bombardeiro.
(Craveirinha, 1982, p. 29)

Pode-se ver no poema como o eu lírico se coloca em perspectiva de futuro. Seus olhos estão atentos ao que está por vir, mesmo que seja a morte. Esse “por-vir” pode ser aqui configurado, em termos de ontologia, como o fundamento de si. Tal fundamento surge na medida em que o ser nega de si certo ser ou maneira de ser. Esse negar, porém, tem uma conotação de pura positividade, isto é, o ser deve sempre se atualizar.

Nessa atualização, claro, o ser anterior já não mais é. As várias mortes pelas quais passou José Craveirinha em seu depoimento autobiográfico e a possível morte na guerra, expressa pelo eu lírico, podem, numa ótica ontológica, serem vistas como morte que traz vida e atualiza o próprio ser, em uma ultrapassagem de si próprio. No

poema “Quero ser tambor” o eu lírico também projeta ser algo que, de alguma forma, o eleva à dimensão de ser algo além de si mesmo, algo que o afirma enquanto ser-com-o-outro, evocando a dimensão do coletivo:

...
deixa-me ser tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.
...
Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra.
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra.
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!
...
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo.
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.
...
Só tambor ecoando a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até a consumação da grande festa do batuque!
(Craveirinha, 1982, p. 123)

É possível distinguir nesse poema dois movimentos do ser do poeta:

1. O próprio querer ser.
2. O ser não apenas para si, mas para além de si.

Com efeito, o querer ser, como um primeiro movimento, pode ser visto como um renascimento contínuo. Depreende-se que, para o eu lírico, seu próprio devir mostra-se como um imperativo, pois é dessa abertura de si rumo ao ser que se é que será possível abrir-se ao outro, ao tu coletivo. Engendra-se, nesse sentido, o encontro entre identidade e alteridade. O ser do poeta, ao abrir-se para a dimensão coletiva e tornar-se também ser-para-o-outro, evidencia-se como aquilo que pode ser aqui configurado como “plenitude ontológica do ser”.

Trocando em miúdos: o ser torna-se ele mesmo à medida que se abre ao diferente. Assim é que o eu lírico, ao querer ser tambor, “somente tambor”, faz com que se ecoe “a canção da força e da vida”. Vida, nessa perspectiva, mostra-se como aprofundamento do existente que não gravita apenas em torno de si, mas se mostra totalmente aberto ao outro. Esse seria o segundo movimento visto em “Quero ser tambor”. Também se pode constatar em José Craveirinha como a abertura ao coletivo, considerado como um bem maior, faz com que o poeta renuncie até mesmo àquilo que lhe é mais lícito: o amor. É o que parece mostrar o poema “Interrupção”:

Meu amor:
Desculpa-me se tão cedo
Te não escrevo cartas sentimentais
Fechadas com o terno adeus de praxe:

— Amo-te. Saudades. Mil beijos.
E assinadas: teu Zé.

...

Que toda esta renúncia
às nossas cartas sentimentais
e desejo transitório de frestas
muros e sub-reptícios assobios de alerta
é a certeza de te amar cada vez mais
minha Maria Fernanda
Teresinha ou Joana das Lagoas
Com o amor que subsiste para além
Do lume de cigarro do camarada surpreendido
... (Craveirinha, 1982, p. 125)

O poeta, ao que parece, busca transcender o seu amor, elevando-o a uma dimensão maior. Assim é que, ao conclamar a mulher moçambicana e a excelência dessa mulher, concretiza-se um reconhecimento que só pode ser comparado ao amor que se dá à própria terra, ao próprio chão. Tais deslocamentos mostram-se nos versos seguintes do mesmo poema:

...

e livres para lá do estupefaciente romantismo dos dois
e da metamorfose de cada torrão de areia
no amuleto que mais se ama
por ser do mesmo chão
que nos pertence. (Craveirinha, 1982, p. 125-126)

Os versos acima indicam como o ser da coletividade, a identidade cultural assume importância superior à identidade singular. O devir nesse poema ultrapassa o individual, indo ao encontro do coletivo. Há uma progressiva elevação de si mesmo ao todo. O romance de duas pessoas é atravessado pelo amor e pela identificação coletiva que o eu lírico estabelece com a terra. As margens e fronteiras do eu se ampliam e se convertem no “nós” visto como o chão, como a terra, pertencente a todos. Com a mesma intenção, no poema “Carta para uma Maria João” o eu lírico convida a pessoa amada a ultrapassar a relação homem/mulher, transcendendo-a em direção ao coletivo:

E nós, Maria João
que bebemos sóis meridionais nas ânforas
mútuas dos corpos
fazemos um mínimo de fome
tornar-se uma girândola de sonhos
no delírio de tantãs e pulseiras tinindo
o esmo num céu puro de tatuagens de obuses
e milhafres esfomeados de sangue
inúteis no mundo de todos nós.
(Craveirinha, 1982, p. 137)

Também nesse poema pode-se observar um transverberar do eu para o nós. O ser do poeta somente se afirma e se reconhece enquanto singularidade à medida que renuncia a seus desejos e se enxerga partícipe de sua cultura coletiva. Porém, o “mínimo de fome” que porventura sentiria em favor do todo teria como retorno o sonho de sentir “o delírio de tantãs e pulseiras tinindo”. A satisfação das necessidades ou dos fins últimos do singular somente se mostra plena de sentido quando em consonância com o plural. Também é o que se pode notar em “Manifesto”:

(...)
 Ah! Outra vez eu chefe zulo
 eu azagaia banto
 eu lançador de malefícios contras as insaciáveis
 pragas de gafanhotos invasores.
 Eu tambor,
 Eu suruma
 Eu negro suaili
 Eu tchaca
 Eu Mahazul e Dingana
 Eu Zichacha na confiança dos
 ossinhos mágicos do tintholo.
 (Craveirinha, 1980, p. 35)

O eu lírico assume aí diversas identidades singulares, mostrando uma espécie de comunicabilidade ou de superabundância, características do vir-a-ser. Destarte, à medida que o poeta transgride as fronteiras de seu próprio ser, abre-se sempre mais ao ser dos outros.

A poética de José Craveirinha caracteriza-se sobremaneira pela dimensão do ser-com. O mundo no qual o poeta se insere enquanto ser somente adquire sentido à medida que se mostra como um mundo em comum com a alteridade, um mundo em que os outros estão sempre já anunciados.

Apesar de em determinados momentos o poeta se mostrar solitário, sua solidão se evidencia sempre em perspectiva. É uma solidão aberta e pronta a renunciar-se em prol de algo maior. Não é necessário, pois, que o outro esteja nas suas proximidades imediatas. O sentido fundamental da existência, ao que parece, está em antecipar-se, em termos de sentir pelo outro, antes mesmo que este se manifeste.

Há como que uma unicidade, uma indivisibilidade entre o eu singular e o tu coletivo. A consistência desse eu individual, em Craveirinha, sustenta-se na substancialidade com o “tu és”. Há, portanto, uma única e mesma realidade em que o ser do poeta força o eu a transgredir a si mesmo e dirigir-se a esse tu.

Enquanto vir-a-ser, enquanto abertura, José Craveirinha, ao trabalhar em sua poética o elemento identidade, alimenta-se de um olhar supra-objetivo. O ser, ou o sujeito que fala em seus poemas, volta-se de uma maneira intencional para a natu-

reza e para determinados componentes de sua cultura que não somente a pessoa humana.

Nessa perspectiva, há um transbordamento do ser do poeta em direção a outros seres que fazem parte do universo cultural de sua terra. Assim é que o poeta confere a estatura de ser ao elemento material – “quero ser tambor” – algo dito em não apenas um poema. A evocação da natureza, em geral, mostra a inclinação natural do africano em identificar-se com os elementos que configuram um espaço em que o homem está em comunhão com outros seres. O poema “Mãe” indica essa identificação:

Minha Mãe
Trago a resina das velhas árvores
Da floresta nas minhas veias.
...
Sabes ou não sabes, Mãe
a resina das velhas árvores plantadas
pelos espíritos
as blasfêmias dos mortos salgando as
raízes virgens.
(*Apud* Ferreira, 1989, p. 327)

Essa inclinação natural mostra-se também como ontológica. O poeta se coloca como alguém que carrega em si a mesma substância de outro ser, nesse caso a substância existente nas “velhas árvores”.

Enquanto inclinação ontológica, a identificação com a natureza, expressa pelo eu lírico, dá-se à medida que o poeta valoriza em si a própria singularidade. A valorização pessoal seria, então, o que possibilita ver-se como parte de um todo. Existe, nesse sentido, a consubstancialidade, isto é, a mesma substância: a “resina” que corre nas veias do poeta é aquela que também existe nas “velhas árvores”.

Craveirinha estende essa consubstancialidade ao mundo dos espíritos. A abertura do ser, no sentido de ser-com-o-outro, estende-se não apenas ao semelhante, à cultura material e à natureza. O mundo espiritual também faz parte dessa identificação com o todo. Imanência e transcendência, nesse sentido, se encontram.

Com efeito, o reconhecimento de si é o que possibilita essa identificação com o todo. O poeta parece emanar para esse todo a afeição direta que sente por si próprio. Portanto, essa afeição se encaminha também ao mundo espiritual. Embora não diretamente visível, o mundo dos espíritos está diretamente ligado à realidade material. É assim que o “velho batuque fermenta os espíritos”, como se vê no poema “N’goma”:

(...)
A n’goma grita!
E seu grito de Mãe é um ‘chiuáia-uáia’ de desespero.

E o mato desperta em assombrações de Lua
e o velho batuque fermenta os espíritos
potente como o grande deus Maguiguana
no coração de África
... (Craveirinha, 1980, p. 59)

O reconhecimento de uma realidade invisível que faz parte do mundo visível e com ele se imbrica determina no poema “N’goma” a mencionada inclinação ontológica em que o poeta transborda o amor a si mesmo e ao mundo com o qual lida diretamente rumo à realidade transcendente.

Assim, pois, ao conhecer algo além de si mesmo, o eu lírico fala de vários outros eus de uma maneira afetiva, pois há aí a identificação com algo que faz parte de sua vida. Assim é que a n’goma, em seu desespero, o mato, as assombrações, a lua, o velho batuque e os espíritos estão todos presentes não apenas no coração da África, mas no coração do poeta.

A dimensão comunitária em José Craveirinha pressupõe que o poeta se dê interiormente ao outro, ao tu. O eu singular do poeta, em alguma medida, parece ter que se “alienar” no outro, que se tornou um outro ele mesmo. E é nisso essencialmente que consiste a superabundância própria de si na abertura de seu próprio ser.

Nessa superabundância do ser, depreende-se que o sujeito, na poética de Craveirinha, possibilita vivenciar a totalidade de si. Porém, essa totalidade é vista sempre em perspectiva. Mostra-se sempre em potência, como também em ato. Totalidade do que é possível, como também do que é atual. Quanto mais o poeta se abre ao totalmente outro, mais se torna ele próprio. Dessa maneira, o mundo privado do outro transparece através do tecido do eu, havendo uma total empatia. A abertura, na poética de José Craveirinha, possibilita até mesmo o que pode configurar-se como “invasão” do tu coletivo: sua dor, seu mundo, suas cores, precisamente enquanto seus, o poeta os concebe somente a partir das cores que vê, da dor que sente e do mundo em que vive. O mundo privado do poeta deixa de ser apenas dele. Torna-se, de alguma forma, o instrumento manejado pelo outro, dimensão de uma vida comunitária que se enxertou na vida do poeta.

A comunicação com o coletivo, como se vê em poemas de Craveirinha, transforma o eu e o outro em testemunhas de um mundo único, assim como a sinergia de nossos olhos, ao se defrontar com a obra do poeta, os detém em uma única coisa. Essa única coisa mostra-se como o verso e o anverso de algo, o que na poética de Craveirinha pode ser visto como a busca de uma identidade na pluralidade da cultura africana.

ABSTRACT

José Craveirinha since his first literary productions shows himself as a poet that appreciates above all the collective aspect in his culture. This community appreciation proves to be in a continuous *devir* in perennial expansion. It's possible to note in his poetry that the individual only affirms, recognizes it'self and is recognized, while somebody participates of a whole that involves the human community, the nature and the surpassing dimension. It's in this sence that the *being* of the poet opened to its *become to be*, opens itself also to the other, alterego becoming in this overture, to be, not only for oneself, but to be-for-to-the-other, what some how shows a belong in collective feeling.

Key words: José Craveirinha; Otherness; Feeling of belonging; Collective identities.

Referências bibliográficas

CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Lisboa: Edições 70, 1982.

CRAVEIRINHA, José. **Xigubo**. Lisboa: Edições 70, 1982.

FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos**. Lisboa: Plátano, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nelson. **Antologia da nova poesia moçambicana**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia e fenomenologia**. Trad. Paulo Sérgio Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1998.